

# A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

Luan Vinicius Bernardelli  
(Organizador)



**Luan Vinicius Bernardelli**

(Organizador)

# **A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar**

**Atena Editora  
2019**

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E19	<p>A economia numa perspectiva interdisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Luan Vinicius Bernardelli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-505-1 DOI 10.22533/at.ed.051193007</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Economia. I. Bernardelli, Luan Vinicius. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 330</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A ciência econômica é marcada pelo estudo do funcionamento dos mercados, determinação das taxas de juros, câmbio, entre diversos outros aspectos que são relacionados aos aspectos gerais macroeconômicos e microeconômicos. Contudo, o estudo das ciências econômicas possui um forte caráter multidisciplinar, o que potencializa o impacto dos estudos econômicos na sociedade.

É fundamental compreender como os agentes se organizam economicamente e, de maneira constante, buscar aprimorar a qualidade de vida das pessoas. O estudo da economia tem como finalidade principal aumentar o bem-estar da sociedade, contudo, trata-se de um processo complexo que envolve uma série de fatores.

Dessa forma, a multidisciplinaridade tem muito a oferecer para o desenvolvimento da ciência e, conseqüentemente, para o entendimento das relações econômicas entre os seres humanos. Nesse sentido, no e-book “A economia numa Perspectiva Interdisciplinar”, apresenta-se artigos que contribuem para o estudo das ciências econômicas sob o enfoque multidisciplinar, abordando importantes temas sobre as atuais relações econômicas entre os agentes.

A complexidade dos agentes econômicos impossibilita a reprodução e o entendimento das relações econômicas por meio de uma ciência exata. Nesse sentido, a economia é estudada como uma ciência social, que deve ser constantemente testada e mensurada, a fim de se aprimorar o modo de organização social.

A organização deste livro não está pautada sob um critério único, dado a diversidade de temas e métodos que são apresentados. Neste livro, o leitor poderá contemplar 35 capítulos que debatem a economia numa perspectiva interdisciplinar. Os trabalhos abrangem diversas temáticas, como o desenvolvimento econômico sob o enfoque regional e territorial, a fim de mostrar a importância do espaço e da região nos estudos econômicos. Questões relacionados ao comportamento do consumidor nos tempos atuais também podem ser apreciadas. Importantes conceitos sobre uma Economia Solidária, que se trata de uma temática de estudo em constante evolução no Brasil e possibilita o desenvolvimento de formas alternativas de geração de emprego e renda, principalmente para pessoas de baixa renda. Além disso, diversos outros textos discutem questões pertinentes no atual contexto econômico.

Neste livro também se encontram trabalhos sobre diversas regiões e estados brasileiros, evidenciando que, além de uma grande diversidade em relação aos temas e métodos, a ciência econômica sob caráter interdisciplinar está sendo investigada em todo território nacional e contribui com todas regiões do Brasil. Dessa forma, o leitor poderá contemplar estudos de pesquisadores de todo o país, de Universidades Estaduais, Federais, centros e instituto de pesquisa, entre outras importantes entidades contribuintes à ciência nacional.

Por fim, desejo que o leitor desfrute dos artigos apresentados nesta edição, ressaltando a importância do estudo das ciências econômicas sob caráter

interdisciplinar. Certamente, este livro dará suporte aos leitores para a compreensão da importância do estudo da economia e suas áreas correlatas.

Luan Vinicius Bernardelli,  
Doutorando em Teoria Econômica pelo PCE/UEM

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
AGÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL (DO OESTE) DE SANTA CATARINA: ANÁLISE SÓCIO ECONÔMICA DO PERÍODO DE 2000 A 2010	
Alyne Sehnem Juliano Luis Fossá Marcia Berti Fiorin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL	
Seonária Costa Santana Alane Amorim Barbosa Dias Cleudson Santos de Jesus	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
O PAPEL DO TERRITÓRIO NOS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS REDES SOLIDÁRIAS	
Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza Auro Aparecido Mendes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A ECONOMIA PAULISTA ANTES DO CAFÉ: AGRICULTURA, COMÉRCIO E DINÂMICAS MERCANTIS NA REGIÃO DE “SERRA ACIMA” (C. 1800-C. 1820)	
Marco Volpini Micheli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>60</b>
CAFEICULTURA, URBANIZAÇÃO E CAPITALISMO: O CAMPO E A CIDADE NO SÉCULO XIX, JUIZ DE FORA-MG	
Felipe Marinho Duarte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>74</b>
MODA, CULTURA E CONSUMO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO	
Ana Paula Nobile Toniol Sara Albieri	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>87</b>
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR E NOVAS PROCURAS: OS VALORES CULTURAIS DO QUEIJO MINAS ARTESANAL	
Lélis Maia de Brito Lidiane Nunes da Silveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>99</b>
COMIDA DE PET: COMENSALIDADE INTERESPÉCIE	
Juliana Abonizio	
Eveline Teixeira Baptistella	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>112</b>
CONSUMO, BENEFICIAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE FRUTAS NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA- ARATACA-BA	
Telmara O. Benevides Campos	
Ricardo de Araújo Kalid	
Milton Ferreira da Silva Junior	
Maria Olímpia Batista de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0511930079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>125</b>
OS PASSATEMPOS DA VIAGEM: UMA ABORDAGEM SOBRE AS RELAÇÕES DE CONSUMO NOS BRT DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE	
Marília do Nascimento Silva	
Alcides Jairon Lacerda Cintra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>137</b>
CONECTANDO AGRICULTURA – ALIMENTAÇÃO - DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE DO CAMPO CIENTÍFICO	
Caroline Conteratto	
Álvaro Sérgio Oliveira	
Daiane Thaise Oliveira Faoro	
Gabrielli do Carmo Martinelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>147</b>
ECONOMIA SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO COMO BASES PARA UMA NOVA CONDIÇÃO MATERIAL DA EXISTÊNCIA	
Yuri Rodrigues da Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>159</b>
DESAFIOS DA AUTOGESTÃO E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS EM SOLIDÁRIA	
Gabriel Gualhanone Nemirovsky	
Édi Augusto Benini	
Elcio Gustavo Benini	
Eziel Gualberto de Oliveira	
Henrique Tahan Novaes	
Martina Nogueira Lima	
Raphael Camargo Penteadó	
Gustavo Henrique Petean	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300713</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>173</b>
ECONOMIA SOLIDÁRIA, PRÁTICAS ESPACIAIS E TERRITÓRIOS DISSIDENTES EM RIO CLARO (SP)- BRASIL	
Auro Aparecido Mendes Sílvia Aparecida Guarnieri Ortigoza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>182</b>
EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA PARCERIA POTENTE NA LUTA POLÍTICA	
Ana Elídia Torres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>191</b>
UM OLHAR SOBRE A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO EM EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS	
Lourença Santiago Ribeiro Diego Palma de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300716</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>201</b>
GERAÇÃO DE RENDA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA COM USUÁRIOS DE CAPS-AD II	
Gabriela Zanim Patrícia Tosta Soares Regina Célia Fiorati	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>213</b>
CURSO FORMATIVO PARA O FORTALECIMENTO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SAUDÁVEL EM RIBEIRÃO PRETO-SP	
Mariana Pantoni Santana Regina Célia Fiorati Perla Calil Pongeluppe Wadhy Rebehy Regina Yoneko Dakuzaku Carretta Daniel Yacoub Bellissimo Julia Terra Ribeiro do Vale Marta Cristiane Alves Pereira Rogério Cerávolo Calia José Luiz Bahia Patrícia Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>222</b>
ESTUDO DE CASO: IMPLANTAÇÃO DE UMA INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NA UTFPR/ CÂMPUS DE APUCARANA	
Márcia Cristina Alves Marcelo Capre Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300719</b>	

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>234</b>
SABERES E SABORES: A EXPERIÊNCIA DE UMA FEIRA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)	
Alessandra Oliveira Teles Wesley Freire dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300720</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>246</b>
O DESAFIO DA ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO SUPERIOR DE GRADUAÇÃO E PRÁTICAS DE EXTENSÃO: ESTUDO DE CASO DA TEMÁTICA DE COOPERATIVISMO NA UFFS	
Raoni Fernandes Azerêdo Pedro Ivan Christoffoli Anelize de Souza Muller Campos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300721</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>258</b>
ELEMENTOS PARA A DETERMINAÇÃO MATERIAL DO DIREITO NOS TEXTOS ECONÔMICOS TARDIOS DE MARX: O MOVIMENTO DO DIREITO NA VIA CLÁSSICA	
Lucas Almeida Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300722</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>278</b>
FORMAS ESTATAIS E REGIMES DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL	
Matheus de Araújo Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300723</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>291</b>
EVOLUÇÃO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA EXTRATIVA E INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO PERÍODO DE 2000 A 2011	
Luciane Rosa de Oliveira Bruna Márcia Machado Moraes Angélica Pott de Medeiros Reisoli Bender Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300724</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>311</b>
MODELO DE GESTÃO PARA AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES RURAIS MEDIANTE A APLICAÇÃO DE MÉTODO SWOT	
Caroline Conteratto Laura Possani Gabrielli do Carmo Martinelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300725</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>322</b>
MERCADORES DE OBRIGAÇÕES: COMÉRCIO, DÁDIVAS E RECIPROCIDADE NA TROCA DE VALORES NA FEIRA DA 25 DE SETEMBRO EM BELÉM/PA	
José Maria Ferreira Costa Júnior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300726</b>	

<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>335</b>
RELEVÂNCIA DA IMAGEM CORPORATIVA DO BANCO CENTRAL DO BRASIL: UM ESTUDO COM ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA	
Paulo Roberto da Costa Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300727</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>347</b>
EBC: A CIDADANIA PERDIDA	
Valéria de Castro Fonseca	
Célia Maria Ladeira Mota	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300728</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>358</b>
A PREVIDÊNCIA SOCIAL DOS (DES)ASSISTIDOS TRABALHADORES EM EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS	
Arlete Candido Monteiro Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300729</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>372</b>
IMPACTOS DA AÇÃO CIVIL PÚBLICA DO CARVÃO MINERAL NA ECONOMIA DO SUL DE SANTA CATARINA	
Eduardo Netto Zanette	
Silvio Parodi Oliveira Camilo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300730</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>395</b>
VIVER ENTRE O MAR E A TERRA: UMA COMPARAÇÃO DO PERFIL SOCIAL E ECONÔMICO DOS PERSEGUIDOS PELO TRIBUNAL DA INQUISIÇÃO EM SALVADOR E CARTAGENA DAS ÍNDIAS XVI-XVII	
Jéssika de Souza Cabral	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300731</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>415</b>
OS APARATOS INFOTELECOMUNICACIONAIS E A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO IDEOLÓGICA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves	
Fellipe Sá Brasileiro	
Edilson Targino de Melo Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300732</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>425</b>
RÁDIOS LIVRES E A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: UMA PERSPECTIVA MUDA	
Ricardo Franco Llanos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300733</b>	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>438</b>
GESTÃO DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA EM UMA UNIVERSIDADE MULTICAMPI	
Tiago Santos Sampaio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300734</b>	

<b>CAPÍTULO 35 .....</b>	<b>449</b>
<i>SOFTWARE LIVRE E TECNOLOGIA PARA INCLUSÃO SOCIAL</i>	
Flávio Gomes da Silva Lisboa	
Marilene Zazula Beatriz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.05119300735</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>460</b>

## MERCADORES DE OBRIGAÇÕES: COMÉRCIO, DÁDIVAS E RECIPROCIDADE NA TROCA DE VALORES NA FEIRA DA 25 DE SETEMBRO EM BELÉM/PA

**José Maria Ferreira Costa Júnior**

Universidade Federal do Pará, Programa de Pós  
Graduação em Sociologia e Antropologia  
Belém – PA

**RESUMO:** Este trabalho aborda as relações entre o regime de valor da circulação do pirarucu salgado e as formas de crédito direto estabelecidas entre feirantes e consumidores na feira da 25 de Setembro em Belém/PA. O objetivo principal é compreender como a venda de determinadas mercadorias a prazo compõem os padrões e critérios que determinam a trocabilidade do pirarucu. Para alcançar este objetivo foi realizada uma experiência de observação participante entre os feirantes do setor de farinha e de mercearias (local da venda de pirarucu salgado naquela feira) durante os meses de fevereiro e junho de 2016. Além de levantamento de informações sobre as feiras e mercados de Belém junto a Secretaria Municipal de Economia, entrevistas de feirantes em outras feiras e observação direta das características dos comércios de pirarucu em todas as feiras e mercados da cidade. Resultando disso tudo uma etnografia da produção do valor das mercadorias na feira onde são descritos os processos classificatórios de pessoas e objetos que estabelecem a distinção como marca da ordenação do universo de mercadorias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Feira da 25 de Setembro. Pirarucu. Circulação. Regime de valor.

**MARKER OF OBLIGATION: TRADE, GIFTS AND RECIPROCATATE IN VALUE'S CHANGE IN MARKET OF 25 DE SETEMBRO IN BELÉM/PA**

**ABSTRACT:** This work deals with the relationship between the value of circulation scheme pirarucu salty and the forms of direct credit between merchants and consumers on the market 25 September in Belém/PA. The main objective is to understand how the sale of certain goods over time makes up the standards and criteria that determine the exchange ability of the pirarucu. To achieve this objective it was made an experience of participant observation among the peddlers of flour and groceries (place of sale of salty pirarucu that fair) during the months of February and June 2016. In addition to gathering information about the fairs and markets of Belém, near the Municipal Secretariat of Economy, interviews of merchants in other fairs and direct observation of the characteristics of the trades of pirarucu in all fairs and markets in the city. Resulting addition everything ethnography of the production value of the goods at the fair where are described the classificatory processes of persons and objects that draw a distinction as mark of the ordination

of the universe of goods.

**KEYWORDS:** Market of 25 September. Pirarucu. Circulation. Regime of value.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho trata das relações entre as formas de circulação e o regime de valor (APPADURAI, 2008) do pirarucu salgado (*Arapaima gigas*) na feira da 25 de Setembro, em Belém/PA, com o objetivo de compreender como os padrões e critérios que definem a trocabilidade (APPADURAI, 2008) desse pescado estão imbricados às maneiras pelas ele troca de mãos. Minha intenção é apresentar uma leitura etnográfica das dimensões sociais e simbólicas presentes nas práticas econômicas cotidianas (SAHLINS, 2003). Nesse sentido, descreverei as formas de preparar e expor as mercadorias segundo o lugar que ocupam na hierarquia dos gostos dos consumidores (BOURDIEU, 1983) e suas relações com três modalidades de circulação presentes naquela praça de comércio.

Os dados e análises apresentados são resultados da pesquisa que levei a cabo na feira da 25 de Setembro durante 2016 e 2017 para minha dissertação de mestrado (COSTA, 2018), defendida no Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Nesse período pude trabalhar por cinco meses em um equipamento daquela feira realizando observação participante, além de empreender observação direta nas demais 49 feiras e mercados da capital paraense.

A sequência do texto está dividida em quatro partes, além dessa introdução: no item a seguir apresento e contextualizo o campo de pesquisa, tratando de algumas características sociais e demográficas das feiras livres em Belém e do comércio de pirarucu salgado, com destaque para a feira da 25 de Setembro. Na terceira parte, descreverei as formas de classificação e circulação dessa mercadoria, buscando evidenciar suas relações intrínsecas e a conformação de seu regime de valor. Na quarta trato das formas de circulação e na quinta apresento breves considerações finais.

## 2 | UM BREVE OLHAR SOBRE AS FEIRAS LIVRES EM BELÉM

A capital do Pará, ao completar quatrocentos anos do início da invasão colonial, elegeu como seu cartão postal o Ver-o-Peso: praça de comércio frequente no cancionero local, tema de peça teatral, filmes, enredos de escola de samba (RODRIGUES; PALHETA, 2010) e, objeto de intensas pesquisas antropológicas. Evoco essa presença do Ver-o-Peso para demonstrar a importância que os mercados populares e feiras livres alcançaram na produção da vida social em Belém. O complexo secular, às margens da baía do Guajará, é considerado a mais antiga de um conjunto de 49 praças de comércio composto de 32 feiras livres e 17 mercados

populares administrados pelo Poder Público Municipal, distribuídos nos 29 bairros da cidade.

Nas feiras e nos mercados populares, atuam, respectivamente, 4.398 e 1.503 permissionários (SECON, 2015). Considerando a possibilidade de cada permissionário trabalhar com mais 2 feirantes, é possível estimar que a população ocupada nesses espaços de, pelo menos, 11.800 pessoas. Em tempos de elevadas taxas de desemprego no país, esses números talvez bastariam para garantir lugar de destaque às praças de comércio popular da capital paraense e granjear mais atenção dos que dirigem e refletem sobre a sociedade. Porém, sua importância não repousa, exclusivamente, em suas cifras demográficas como demonstraram as diversas pesquisas que enfatizaram a importância cultural, histórica, sociológica, gastronômica e geográfica das feiras para a Cidade.

As características histórico-geográficas da presença desses sítios mercantis na história da formação de Belém foram estudadas por Medeiros (2010) que, ao apontar a relação entre a expansão intra-urbana da cidade e a criação de novas feiras e mercados, nos permite entrever um caráter mercantil nas formas de sociabilidade e na história da cidade. Para sugerir essa perspectiva me apoio na argumentação daquele autor, segundo quem

nos últimos cinquenta anos verificou-se uma grande expansão do número de feiras livres na capital paraense. Inicialmente, esses espaços estavam concentrados na área central da cidade, sobretudo, até o final do século XIX. A maior incidência de tais espaços nesse fragmento do espaço urbano reflete a própria evolução da atividade comercial e varejista na cidade, assim como a relativa concentração populacional nos bairros que compõem essa porção do sítio urbano belenense, naquele momento.

Em seguida, a ocupação populacional se processará em direção a orla sul da cidade, acompanhando paralelamente a Avenida Bernardo Sayão, **surgindo a partir de sua intensa apropriação inúmeros pontos de feiras**. Tais pontos estão associados à existência de uma grande quantidade de portos e trapiches que passam a articular com maior força o continente da parte insular da cidade, proporcionando a canalização de produtos agrícolas regionais à população dos bairros mais próximos.

A partir da segunda metade do século XX, novos espaços serão ocupados, proporcionando o alargamento do perímetro urbano em Belém. O considerável crescimento populacional das últimas cinco décadas, acompanhado da incorporação de novas áreas periféricas na cidade passará a estimular o desenvolvimento de atividades comerciais varejistas, **tendo nos espaços de feiras o seu mais significativo exemplo** (p. 68 e 69. Grifos meus)

Dessa forma, Medeiros postula que as feiras são centralidades urbanas por sua capacidade de articular diferentes áreas do território em razão da produção de vínculos econômicos e de seu papel relevante na estruturação da cidade. Esse argumento é reforçado ao considerar que o crescimento da capital paraense, com a intensificação da ocupação de sua área continental na segunda metade do século XX, ocorreu em paralelo à expansão e à multiplicação dos mercados e feiras livres.

Para compreender a intensificação do surgimento de novos espaços de comércio popular em paralelo com a ocupação da cidade, é necessário considerar que os mesmos não são apenas lugares de abastecimento de gêneros de primeira necessidade, mas, sobretudo de trocas e relações comerciais que são constituídas por dimensões simbólicas e sociais e se estabelecem na apropriação coletiva e no uso criativo e perene dos espaços públicos, escapando, diuturnamente, das investidas burocráticas de padronização e controle determinadas pelo Estado.

Considerando a relevância da dimensão sociocultural dos espaços de comércio popular em Belém, houve a multiplicação, nas últimas décadas, da produção acadêmica de estudos etnográficos com objetivo de revelar e compreender a complexidade das relações sociais que envolvem os mercados populares e feiras livres na Amazônia. Dão prova disso os livros organizados por Leitão (2010 e 2016) e Rodrigues et al. (2014; 2017), que reuniram setenta e dois pesquisadores/as em uma mostra da ampla e fecunda discussão sobre essa temática distribuída em 52 trabalhos originais. Os artigos publicados apresentam olhares antropológicos sobre práticas sociais, apropriação e modificação do espaço, processos identitários, construção do patrimônio cultural, religiosidade, circulação comercial, transmissão de saberes e recursos, diversas formas de reciprocidade, sociabilidades, relações entre o rural e o urbano, em suma sobre as múltiplas faces da diversidade sociocultural das principais feiras da capital paraense.

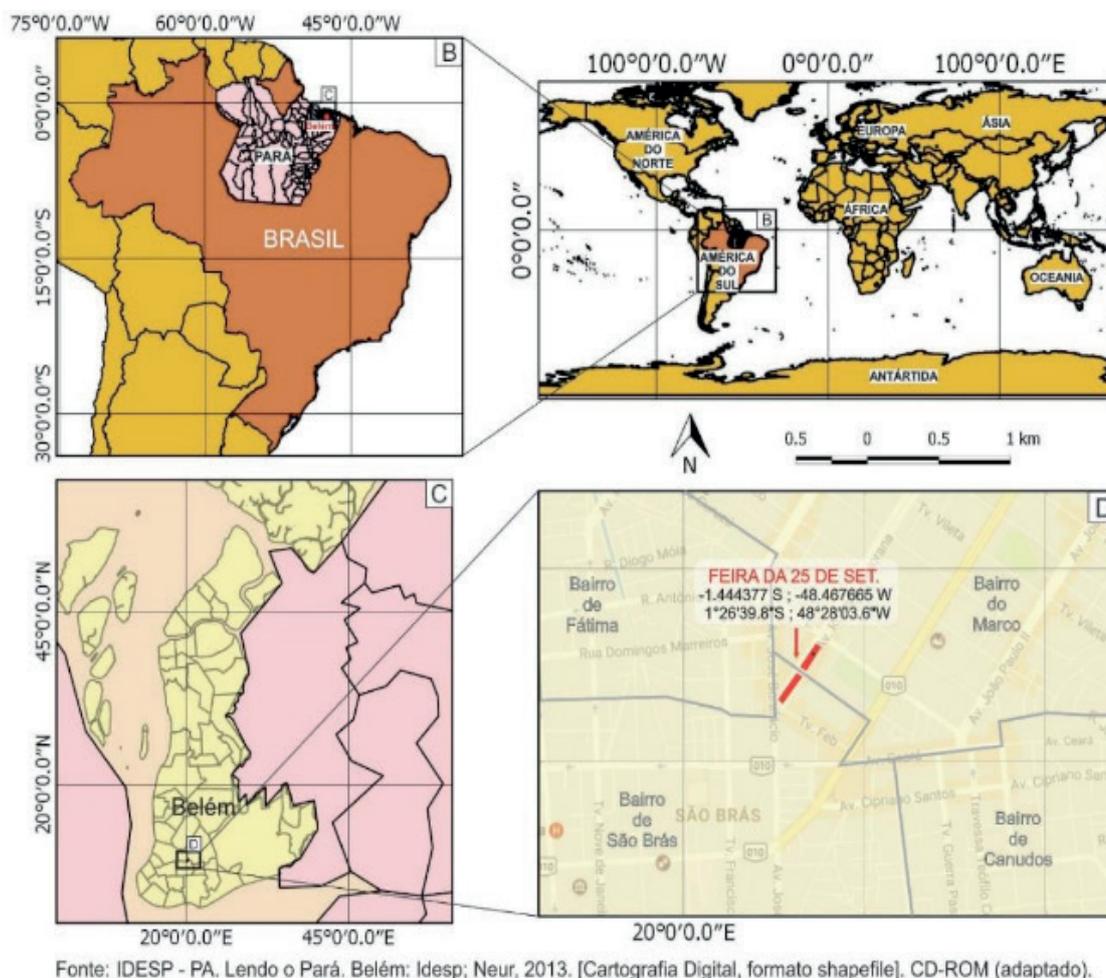
No contexto dessa produção, todavia, a feira da 25 de Setembro recebeu pouca atenção. Assim, considerando que, apesar de sua importância demográfica, histórica e urbana, econômica e cultural, o conhecimento acadêmico sobre a feira da 25 de Setembro é bastante limitado julgo que este trabalho é um esforço legítimo para a ampliação do entendimento sobre as experiências cotidianas dos sujeitos naquele local. Além do que, é necessário apresentar alguns dados gerais sobre essa feira a fim de possibilitar o entendimento das condições de possibilidades nas quais as relações sociais que descrevo e analiso têm lugar.

## **2.1 Apresentando a feira da 25 de Setembro**

Feira livre assentada no início da antiga avenida 25 de Setembro, via de 2.78 km de extensão sobre os bairros de São Brás e Marco, com duas pistas de rolagem de sentidos opostos, passeio em ambas às margens das pistas e canteiro central, perpendicular a 17 travessas e paralela às avenidas Almirante Barroso e Duque de Caxias.

A feira da 25 foi inaugurada oficialmente em 13 de julho de 1970 e ocupava o canteiro central da via entre as travessas Jutai e das Mercês. Foi ampliada no início dos anos 1980, com a criação da Área que vai da Trav. das Mercês a Antônio Baena, e reformada entre 2003 e 2007, ganhando sua forma e estrutura atuais. Está localizada nos limites dos bairros do Marco, São Braz e Canudos, como mostra a Figura 1, ocupando 291,92m do canteiro central da avenida Romulo Maiorana,

entre as travessas Jutá e Antônio Baena. É a quinta maior feira em número de permissionários na cidade com 272 trabalhadores distribuídos em 422 equipamentos (SECON, 2015).



**Figura 1** – Mapa de localização da feira da 25 de Setembro

A última reforma a qual foi submetida alterou a composição e a forma de seu espaço físico, substituindo a multiplicidade de barracas individuais por uma estrutura padronizada composta por telhado de duas águas coberto por grandes telhas de alumínio pintadas. Sustentado por pilares de concreto armado a feira abriga equipamentos de alvenaria padronizados e distribuídos em 11 setores distintos, segundo o tipo de mercadoria vendida (Quadro 1).

Setores	Tipo	Quantidade	Permissionários	Tamanho (m)
<b>Área I (entre travessas Jutá – Mercês)</b>				
Caranguejo	Tanque	12	7	1,10x0,70
Peixe fresco	Talho	8	5	2,00x2,00
Hortifrúti	Barraca	100	51	1,50x1,00
Industrializados	Box	25	19	2,00x2,00
Refeições	Box	52	37	2,00x2,00
Mercearia	Box	48	26	2,00x1,50
Camarão seco	Box	22	14	2,00x2,00

Farinha	Box	66	32	2,00x1,00
Área II (entre travessas das Mercês e Antônio Baena)				
Hortifrúti	Barraca	20	13	1,50x1,50
Camarão	Box	7	6	1,50x1,50
Aves abatidas	Box	8	3	2,00x1,00
Lojas	Lojas	48	10	3,00x4,00
Refeição	Box	6	4	1,50x100

**Quadro 1** – Equipamentos da feira da 25 de Setembro segundo a localização, os setores, quantidade, número de permissionários e tamanho

Fonte: Projeto de Pesquisa Mercados Interculturais: linguagens, práticas e identidades em contexto amazônico/ UFPA/IFCH e trabalho de campo 2014/2015.

Segundo relato de feirantes de diferentes setores e do administrador da feira, durante a reforma os permissionários apresentaram demandas específicas sobre a modelagem do espaço. Em alguns casos parentes que ocupavam equipamentos individuais solicitaram que fossem construídas unidades maiores onde pudessem trabalhar juntos.

Todavia, nem a dureza da alvenaria e a objetividade da técnica são capazes de conter a força (re)ordenadora das relações sociais que modificou a nova estrutura física, até o final de meu trabalho de campo, de 58 boxes (13,75% do total) que perderam sua individualidade planejada para emergir como espaço de trabalho coletivo em razão do parentesco que liga seus permissionários.

A espacialidade da feira da 25 é uma instigante elaboração onde se encontram interesses do poder público, dos feirantes, dos consumidores, enfim dos sujeitos que fazem a feira. Para encerrar essa apresentação do local da pesquisa de campo tratarei, brevemente, das características gerais do comércio do pirarucu.

## 2.2 Algumas características do comércio de pirarucu nas feiras de Belém

O *Arapaima gigas* é uma espécie conhecida, incorporada e valorizada ao repertório culinário dos povos amazônicos desde antes dos contatos coloniais (MURRIETA, 2001). Ainda segundo Murrieta, como eficiente fonte de proteínas, esse peixe se tornou item presente nos mercados amazônicos e alimento habitual das populações ribeirinhas do baixo e médio Amazonas.

A intensificação da pesca e consumo do pirarucu a partir do século XIX resultou no risco de extinção da espécie na bacia do Amazonas no final do século XX (SANTOS, FERREIRA, ZUANOM, 2006). Murrieta sobre isso afirma que o pirarucu “foi um dos primeiros alvos da política de conservação e uso racional de recursos naturais” (2001, p. 116). O IBAMA normatizou as regras de pesca, transporte e comercialização do pirarucu nos Estados da Amazônia por meio da Instrução Normativa (IN) nº 34, de 18 de junho de 2004. Nesse instrumento estão definidos os padrões mínimos para captura, tipo de processamento e, sobretudo, o período de proibição da pesca da espécie, chamado de **defeso** que vigora anualmente no Pará, no Amazonas, no Acre

e no Amapá, entre 1º de dezembro e 31 de maio; em Rondônia o período vai de 1 de novembro a 30 de abril; e em Roraima de 1 de março a 31 de agosto.

O comércio de pirarucu está presente em 21 feiras e 6 mercados em Belém (equivalentes a 55,10% do total de praças de comércio da cidade). Seu comércio ocupa o total de 62 equipamentos (53 nas feiras e 9 nos mercados), com destaque para a feira da 25 de Setembro que, sozinha, concentra, aproximadamente, 21% do total com 13 equipamentos dedicados à circulação do pirarucu. De acordo com dados do IBAMA, os feirantes declaram, em 2016, estoque de 21,3 toneladas de pirarucu salgado para comercialização na capital paraense durante período do defeso daquele ano.

### 3 | FORMAS DE CLASSIFICAÇÃO DO PIRARUCU NA FEIRA DA 25 DE SETEMBRO

Durante os meses de trabalho de campo consegui discernir, entre as práticas cotidianas de minhas interlocutoras, ao menos três formas regulares de circulação do pirarucu. A pluralidade das trocas que observei indica a complexidade do regime de valor dessa mercadoria, que depende dos múltiplos significados que envolve sua circulação, bem como, algumas características das relações sociais estabelecidas nessa feira. A compreensão da articulação entre classificação, valor e circulação depende da interpretação da imbricação dos significados latentes do comércio e da culinária do pirarucu. Dessa forma, julgo necessário descrever o processo de preparação do pescado para a venda, enfatizando o que as feirantes chamam de *corte*, pois os resultados da divisão de sua carne é um mecanismo de diferenciação que está relacionado as características particulares de sua circulação.

As três maneiras pelas quais o pirarucu troca de mãos são descritas e registradas aqui sob os rótulos de Comércio, Presente e Caridade, de acordo a motivação para a entrega da mercadoria e sua contraprestação ou compensação. Cada uma das maneiras de transacionar os subprodutos do pirarucu está relacionada, consciente ou inconscientemente com uma hierarquia simultânea na classificação dos cortes da mercadoria e dos sujeitos a quem se destinam e da situação nas quais circulam. A pluralidade de transações com o pirarucu está relacionada com os mecanismos de diferenciação desse objeto (as maneiras de cortá-lo) que, por sua vez, são parte do gosto de sua culinária.

Compreender a circulação do pirarucu na feira, de alguma maneira permite, e requer, uma reflexão sobre seu significado como alimento. Nesse sentido, acompanho Woortmann (2006) quando afirma que “os alimentos não são apenas comidos, mas também pensados. Em outras palavras, a comida possui um significado simbólico” (pág. 23). A importância atribuída a essa mercadoria está ligada aos significados atribuídos a ela na dinâmica alimentar de seus consumidores. Há uma articulação entre objetos, pessoas, situações e seus significados que manifesta os regimes de valor (APPADURAI, 2008) nos quais esse peixe é tido como valioso e é demandado

por diferentes atores. Por regimes de valor, Appadurai (2008) compreende os diferentes padrões e critérios compartilhados (em diferentes graus) que determinam a trocabilidade das coisas em um contexto sociocultural e histórico particular.

Para compreender como a diversidade de formas de circulações depende de diferentes significados culturais para produzir o valor do pirarucu, descreverei a classificação dos cortes desse peixe na feira da 25 de Setembro. Na sequência, procuro associar os cortes às diferentes maneiras e ocasiões de circulação para apresentar os padrões e critérios de suas trocas.

### 3.1 A classificação dos cortes de pirarucu

No comércio de pirarucu salgado a cada corte produzido são atribuídos lugares de exposição, valores, formas de embalagem e pagamento específicos, da mesma maneira, que são oferecidos, geralmente, para consumidores determinados. Nesse sentido, classificar é, mais do que reconhecer, produzir diferenças e hierarquias entre coisas e pessoas. A ordem produzida pelas feirantes é uma reelaboração dos significados produzidos pelas disposições razoáveis incorporadas à conduta dos agentes das práticas comerciais e gastronômicas, que atualiza, dessa forma, o *habitus* (BOURDIEU, 2000) que envolve o consumo e a circulação de pirarucu na capital paraense. Assim, a etnografia dos cortes de pirarucu não busca, apenas, descrever em detalhes seus aspectos físicos, mas, sobretudo, as relações nas quais esses objetos têm significados específicos, de acordo com sua ordenação por valores.

Dessa forma, identifiquei quatro tipos de cortes de pirarucu nas feiras e mercados de Belém que podem ser classificados, em ordem crescente de valor e importância, como pontas de pirarucu ou *cantareira*; pirarucu enrolado; mantas; e, filé.

**Pontas de pirarucu ou *cantareira***; é o conjunto variado de pedaços irregulares, de cores diversamente escurecidas em relação às mantas, com cheiro intenso, fragmentos de ossos, resquícios das duras nadadeiras e das caudas, produzidos pela *limpeza* das mantas para exposição e venda. São chamadas de pontas ou *cantareira*, por comerciantes e consumidores em diferentes feiras, por serem cortadas das extremidades da manta, suas *pontas* e *cantos*. É o corte que apresenta menor homogeneidade em relação aos demais, bem como, é o de menor valor comercial. Observei que há uma relação diretamente proporcional entre homogeneidade (ou pelos menos semelhança) e valorização (hierárquica e comercial) dos cortes desse pescado.

**Pirarucu enrolado**: longos cilindros acidentados formados pela sobreposição, prensa e amarração manual de pedaços regulares, porém, curtos, estreitos e, geralmente, escurecidos de mantas. É a única parte de pirarucu acompanhada, ostensivamente, de seu preço sobre os balcões. Esse corte configura-se em uma interessante técnica de aproveitamento de sobras das mantas mais longas e

valiosas. Sua composição, realizada em tardes de pouco movimento na feira ou a noite na residência da permissionária, busca atribuir a mercadoria uma impressão homogênea a sua composição heterogênea. Enrolar pirarucu é uma marca de comerciantes experientes e habilidosas no trato com a mercadoria

**Mantas de pirarucu:** As mantas salgadas são peças imensas de odor característico, porém, suave e coloração em tons de amarelo, dourado e salmão, composto de regiões carnosa, adiposa e epidérmica. As mantas que chegam as feiras apresentam tamanhos, cores e qualidades variadas, as maiores que observei alcançavam 1,46m de altura e 0,74m de largura, com a carne chegando a apresentar espessura de 2cm. Em proporções desiguais apresentam regiões carnosas, adiposas e epiteliais. Por ser retirado de uma peça inteira os pedaços de manta são considerados mais homogêneos do que os cortes anteriores.

**Filé de pirarucu:** Trata-se da região exclusivamente carnosa do peixe livre de ossos, peles e qualquer imperfeição aparente, seccionada à borda das mantas em um corte longitudinal. É o mais homogêneo dos cortes, pois retirado de uma única manta é composto do mesmo tecido. A despeito de seu valor, ou talvez exatamente, por isso, é o corte de menor circulação. É procurado, sobretudo, em ocasiões festivas, viagens para outros estados, enfim, momentos que revelam a vocação de exo-cozinha do pirarucu. É demandado por consumidores conhecidos e exigentes. Não é exposto, nem tampouco oferecido a clientes não conhecidos. Consumidores de filé são conhecidos pelos nomes, profissões endereços, além do gosto, porque conhecem as diferenças entre os cortes e valorizam aquele que é reconhecido, por um grupo específico de sujeitos, como de melhor qualidade, de bom gosto.

#### 4 | A CIRCULAÇÃO DO PIRARUCU: COMÉRCIO, DÁDIVA E CARIDADE

Classificação, circulação e distinção são fenômenos articulados nos quais a mercadoria tem papel relevante. Assim, considero interessante pensar as formas de troca como parte do processo de elaboração dos objetos, compreendida com síntese de múltiplas relações entre sujeitos e coisas.

Por comércio, trato aqui a venda direta das mercadorias no varejo a consumidores individuais e restaurantes. Todavia, a troca de pirarucu por dinheiro é realizada por meio de diferentes mecanismos. Apesar de todos os cortes de pirarucu, na feira, se encontrarem em sua fase de mercadoria (APPADURAI, 2008), as características da circulação de cada um variam segundo as circunstâncias em que se realizam, diferentes tipos de consumidores e sua preferência pelo consumo de determinados cortes, bem como pela frequência e ocasião do comércio e diferentes mecanismos de crédito aplicados seletivamente.

Assim, a venda das pontas e de pirarucu enrolado é realizada de maneira menos elaborada e não envolve estratégias de distinção por parte dos feirantes. A relação entre feirante e consumidor na compra desses cortes tem fim na entrega da

mercadoria frente a seu pagamento. A simetria da transação isenta seus participantes de dívidas morais ou pecuniários. Para uma descrição mais detalhada consultar COSTA (2018).

Por sua vez, no comércio de mantas e, sobretudo, de filé se estabelece a distinção que afirma a superioridade dos cortes em relação aos demais, da feirante em relação aos concorrentes e do consumidor em relação a seus pares.

Ao vender as mantas e filé, as feirantes procuram introduzir, cada vez com mais frequência, marcadores de distinção baseados no princípio das escolhas de bens classificados – e classificante – como de bom gosto (BOURDIEU, 1983). Esse esforço é levado ao extremo quando, em circunstâncias específicas, as feirantes deixam de vender por julgarem que a mercadoria disponível não atende adequadamente a determinados consumidores. Fato ainda mais interessante por não haver uma exigência explícita e incisiva de qualidade por parte do comprador, a iniciativa de revelar a baixa qualidade disponível parte da feirante que, inclusive, não se permite ser persuadida pelo comprador. Tal atitude anticomercial é uma demonstração de que a classificação não é um mecanismo utilitário de solução de problemas práticos, mas um processo organizador da realidade dos sujeitos nela envolvidos.

A relação entre consumidor, feirante, mercadoria e a forma de comércio demonstra que mesmo a venda, em determinadas circunstâncias, não é uma relação completamente simétrica entre sujeitos em condições de igualdade. Essas condições e critérios de circulação constituem o regime de valor do pirarucu.

O comércio, na feira da 25 de Setembro, coexiste com outras duas maneiras regulares de fazer o pirarucu trocar de mãos: a caridade e o presente. A descrição dessas modalidades de circulação encerrará esta breve etnografia e tem como objetivo enfatizar que as práticas classificatórias nas quais os valores das mercadorias são produzidos envolvem também dimensões não pecuniárias. A vida social das coisas não tem fim em sua fase de mercadoria, os objetos de valor econômico se prestam a muitas outras relações para além do comércio.

Enquanto o comércio é o organizador do regime de valor do pirarucu, o presente e a caridade são confirmadores da relação entre os status das mercadorias e seus consumidores. Nesse sentido, os presentes são destinados às posições mais elevadas na hierarquia do consumo e a caridade às posições mais baixas, menos valorizadas, mais indiferentes.

Na troca de presentes os status dos valores dos cortes são confirmados na escolha de seus destinatários e o pescado está fora de sua fase de mercadoria, ou seja, não circula em um contexto mercantil. O pirarucu revela o alcance de seu valor econômico na forma de presente (SIMMEL, 2013). Ao abandonar a etapa de mercadoria, o pirarucu deixa de ter equivalentes com os quais possa se comparar e se revela objeto de desejo e do prazer de quem o deseja. Nessa condição, não é apenas classificador do bom gosto, mas também da generosidade e consideração entre sujeitos. Não se trata da ideia de valor de uso, a realização da utilidade da

mercadoria, no caso seu consumo alimentar, mas antes do significado social que seu consumo registra. As condições que envolvem esse tipo de circulação expressam o lugar de destaque que esse pescado possui na hierarquia da culinária regional.

A caridade é a doação destinada a uns poucos pedintes frequentes nas feiras e realizada, exclusivamente, com pontas de pirarucu. Da mesma forma que o presente essa transação não envolve dinheiro e evidencia uma assimetria desmedida entre doador e beneficiário, produzindo uma dívida de gratidão do segundo para com o primeiro.

Essa forma de circulação é a menos desejada pelas feirantes, a despeito da importância que possa ter para quem dela depende, pois não oferece um rendimento simbólico para a produção do valor. Quem recebe a caridade aceita o que lhe for dado, não tem um desejo específico a ser atendido, mas uma necessidade que precisa satisfazer. Assim, há pouca valorização do sujeito e do corte nessa forma de circulação, o que, de alguma maneira, reforça o argumento desenvolvido anteriormente sobre o processo classificatório de coisas e pessoas como fundamento da ordenação do valor do pirarucu na feira da 25 de Setembro.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei compreender, com este trabalho, as relações possíveis entre práticas de crédito e regimes de valor na circulação do pirarucu salgado na feira da 25 de Setembro. O problema consistia em desvendar como as formas de circulação e os critérios e padrões que determinam as possibilidades de troca de objetos se relacionam. Essa abordagem se afasta dos problemas mais tradicionais da antropologia econômica voltados, geralmente, para as formas, as funções e as razões das trocas. Assim, procurei voltar o foco para a mercadoria e tentar entender qual a importância das coisas na organização do processo de circulação na feira.

Diante disso, compreendi que as diferentes formas de crédito são interações constituintes dos padrões e critérios que determinam as possibilidades das múltiplas maneiras de circulação das mercadorias e têm seu significado no complexo processo classificatório que põem em movimento coisas e pessoas nas feiras da capital paraense.

Devo a inspiração dessa abordagem, por um lado, à experiência de imersão no campo de pesquisa na qual desconstruí algumas de minhas frágeis ilusões sobre confiança, solidariedade e trabalho na feira, como descrevi no primeiro capítulo, e, por outro, à perspectiva teórica de Appadurai (2008) que localiza a produção do valor na troca, enfatizando a importância da vida social das coisas na construção do valor econômico que, de acordo com o pressuposto simmeliano evocado pelo autor, relaciona-o com o desejo. O que coloca dentro do debate da circulação uma ideia de política que fundamenta os critérios e os padrões de troca das mercadorias. Dessa forma, para entender o universo das trocas se faz necessário adentrar o

mundo dos bens e buscar compreender suas trajetórias realizadas ou prescritas. Essa perspectiva faz com que a dimensão cultural da circulação ganhe destaque e aproxime as relações entre comércio, cultura e consumo.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**. Niterói: EdUFF, 2008.

BELÉM. Decreto Municipal Nº 26.579 de 14 de Abril de 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero; 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Oeiras: Celta, 2000.

COSTA, José. **Vamos levar uma delícia?: Uma etnografia da circulação do pirarucu salgado na feira da 25 de Setembro em Belém/Pa**: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém. 2018.

IBAMA. **Instrução Normativa nº 34**. Brasília. 2004.

IBAMA. **Instrução Normativa nº 35**. Brasília. 2004.

IBAMA. **Instrução Normativa nº 01**. Brasília. 2005.

IBAMA. **Instrução Normativa nº 24**. Brasília. 2005.

IBGE. **Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. Rio de Janeiro: IBGE: 1990

LEITÃO, Wilma (org.). **Ver-O-Peso**: Estudos antropológicos no mercado de Belém. Belém: NAEA/UFPA; 2010.

LEITÃO, Wilma (org.) **Ver-o-Peso: estudos antropológicos no Mercado de Belém Volume II**. Belém: Paka-Tatu, 2016.

MEDEIROS, Jorge. **As feiras livres em Belém (PA)**. Dissertação de Mestrado, PPGGEO-UFPA: Belém. 2010.

MURRIETA, R. S. A mística do Pirarucu: pesca, *ethos* e paisagem em comunidades rurais no Baixo Amazonas. **Horizontes Antropológicos**, 16: 113-130, 2001.

RODRIGUES, Carmem et ali. **Mercados populares em Belém: Produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano**. Belém: NAEA, 2014.

RODRIGUES, Carmem et ali. **Mercados populares em Belém: Produção de sociabilidades e identidades em espaço urbano. Vol. II**. Belém: NAEA, 2017.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. São Paulo, Zahar, 2003

SANTOS, Geraldo M. et alli. **Peixes comerciais de Manaus**. Manaus: IBAMA/AM: ProVárzea, 2006.

SECON. **Anuário Estatístico do Município de Belém-2009: Ocupação em feiras e mercados**. Belém. SECON/DFMP: 2010.

SECON. **Histórico da feira da 25 de Setembro**. Belém. SECON/DFMP: 2016

SECON. **Dados de feiras e mercados**. Belém. SECON/DFMP: 2015

SIMMEL, Georg. **Filosofía del dinero**. Madrid: Capitán Swing; 2013.

WOORTMANN, Klaas. O sentido simbólico das práticas alimentares. In: ARAÚJO, Wilma. TENSER, Carla. **Gastronomia: Cortes e Recortes**. Brasília: SENAC; 2006

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Luan Vinicius Bernardelli:** Doutorando em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá. Foi *Visiting Scholar* na Southern Cross University (Austrália) (2019). Mestre em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá (2017). Atua nas áreas de Economia monetária e financeira, Economia Regional, Economia da Religião e Economia da Saúde. Também atua como revisor ad hoc em diversos periódicos nacionais e internacionais. Suas principais publicações apareceram em revistas como Estudos Econômicos (USP), *Journal of Religion and Health*, *Local Government Studies*, *Review of Social Economics* e Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agricultura 17, 19, 59, 91, 110, 114, 123, 137

Agroindustrialização 311

Alimentação 19, 107, 123, 124, 137

### C

Consumo 92, 96, 98, 99, 103, 125, 136

Cultura 18, 85, 86, 96, 97, 98, 99, 110, 135, 182, 183, 184, 186, 333, 392, 393, 394, 424, 436, 437

### D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 32, 60, 72, 98, 114, 123, 137, 160, 172, 173, 175, 199, 200, 213, 216, 233, 245, 246, 250, 251, 253, 294, 295, 301, 302, 321, 335, 372, 373, 393, 394

Desenvolvimento Regional 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 98, 246, 251, 394

Desenvolvimento Socioeconômico 372, 373

Dissidentes 173

### E

Economia solidária 20, 147, 148, 151, 154, 158, 170, 171, 194, 221, 233, 371, 458

### G

Globalização 31

### I

Inclusão Digital 449

Inclusão Social 449

Incubadora 29, 180, 182, 185, 201, 204, 213, 214, 222, 223, 228, 231, 232, 234, 235, 239, 251, 254

Indústria de transformação 299, 300, 302, 304

Indústria extrativa 299, 300, 301, 302, 304

### P

Participação 13, 66, 303, 304

Práticas agroecológicas 112

### R

Rede 166, 170, 171, 204, 205, 207, 212, 214, 228, 229, 232, 349, 453, 459

Redes 32, 213, 216, 218, 454

## S

Segurança alimentar 112, 115, 123, 320

Sociedade Civil 13, 17

## T

Tecnologia Social 233, 449, 453, 457, 458, 459

Território 13, 14, 15, 16, 17, 32, 113, 245

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-505-1



9 788572 475051